

JANAÍNA FIGUEIREDO
para a Agência O Globo com a
matéria escrita

Contrariando a tradição de todos os presidentes argentinos desde a redemocratização do país, em 1983, Javier Milei ignorou os países vizinhos em suas primeiras viagens internacionais — principalmente o Brasil — e organizou uma agenda externa com base em seus interesses pessoais, políticos e, algo inédito no país, religiosos.

A visita do chefe de Estado argentino a Israel, na semana passada, serviu para fortalecer sua adoção do judaísmo como religião, em 2021 — mesmo sem ter se convertido —, e também para construir a imagem de um líder messiânico, de projeção global, segundo fontes do governo. Amanhã, Milei será recebido pelo Papa Francisco, a quem chamou de “comunista que descobriu ditadores assassinos” durante a campanha. Assim, o argentino não manda recados para as comunidades judaica, católica e evangélica em seu país e confirma, em seus primeiros movimentos internacionais, um total alinhamento com os EUA e Israel, seguindo a lógica da ultradireita global.

‘ESPÉCIE DE MOISÉS’

As imagens que Milei e seus colaboradores divulgam nas redes sociais durante a viagem a Israel são parte da estratégia de construção de uma liderança que o presidente argentino pretende que seja messiânica. O desejo não é novo, confirma o biógrafo de Milei, o jornalista Juan Luis González. O chefe de Estado chorou no Muro das Lamentações ao lado do novo embaixador argentino em Israel, o rabino Shimon Asel Wahnissh — desde 2021 homem do círculo íntimo de Milei. Também se reuniu com as máximas autoridades de Israel e familiares de reféns argentinos em poder do grupo terrorista Hamas, e visitou alvos dos ataques de 7 de outubro.

— Milei se considera um líder messiânico. Em sua posse, o rabino que participou da missa inter-religiosa organizada pelo governo se referiu a Milei como Rei Salomão, e ele chorou. O messianismo está presente em todo o momento — explica o biógrafo.

Na Argentina vive a maior comunidade judaica do mundo hispânico, estimada em 125 mil pessoas, de acordo com o Censo realizado em 2022. O apego ao judaísmo tem, portanto, também uma impor-



Emoção e lágrimas. Presidente argentino chora durante visita ao Muro das Lamentações, em Jerusalém: maior comunidade judaica do mundo hispânico, estimada em 125 mil pessoas, vive na Argentina

Ao visitar Israel e Papa, Milei busca projetar liderança ‘messiânica’

Agenda externa pautada por religião contraria tradição argentina, mas segue lógica disruptiva da ultradireita global

tância política e eleitoral, que acompanha os interesses pessoais do presidente argentino.

Para o especialista em pensamento judaico Facundo Milman, que frequenta, assim como Milei, a Associação Comunidade Israelense “Latina de Buenos Aires”, “está muito claro que o presidente se considera uma espécie de Moisés”.

— A mensagem do judaísmo penetra com muita força em Milei, que passa a considerar Wahnissh, um rabino marroquino, seu principal assessor espiritual — diz.

— Ele se sente identificado com o povo judeu porque considera que também enfrenta adversários que

querem exterminá-lo. O presidente encontrou uma família na religião judaica.

Em Israel, as imagens divulgadas mostraram uma pessoa fragilizada e completamente comprometida com uma religião que entrou em sua vida quando ele dava seus primeiros passos na política e tentava se recuperar da morte de seu cachorro Conan, que chama de filho.

Mas a política está de mãos dadas com o projeto religioso do presidente, que levou em sua comitiva mais de 20 empresários, vários deles membros da comunidade judaica.

O apoio a Israel também é

um recado para a comunidade evangélica argentina, que tem se aproximado do presidente e de alguns de seus ministros, entre eles Sandra Pettovello, à frente da pasta de Capital Humano. Entre 2008 e 2019, o percentual de argentinos que dizem seguir a religião passou de 9% para 15,3%, de acordo com uma sondagem do Conselho Nacional de Pesquisa Científica e Técnica. Nos últimos cinco anos, o percentual teria aumentado ainda mais.

Já a comunidade católica continua sendo a mais expressiva do país: 76,5% dos argentinos se declaram católicos, segundo a agência de checagem

Chequeado. Isso explica por que Milei não pode soltar a mão do catolicismo e foi convencido por seus assessores sobre a necessidade de recompor o vínculo com o Papa.

— As duas viagens de Milei têm um aspecto espiritual, mas também político. No Vaticano, o presidente, que já pediu desculpas ao Papa, vai aproveitar a canonização da primeira santa argentina (Maria Antonia de Paz y Figueroa, conhecida como Mama Antu-la) para fazer controle de danos — afirma o veterano jornalista Sergio Rubin, que cobre religião no jornal Clarín e está em Roma para acompanhar o encontro.

— Milei é o presidente mais religioso dos últimos 40 anos.

Para o analista internacional Jorge Castro, “a religiosidade de Milei é uma novidade na política argentina”.

— Junto com essa religiosidade, vejo a decisão deliberada do presidente de se colocar no centro dos acontecimentos internacionais. Mais uma vez, Milei desafia consensos internacionais, mostra-se como uma figura disruptiva e está conseguindo que suas ações tenham repercussão no mundo — acrescenta Castro.

Para Juan Tokatlián, vice-reitor da Universidade Di Tella, “o principal objetivo de Milei com as viagens, sobretudo a de Israel, é ser coerente com sua aliança com o Ocidente”.

MUDANÇA DE EMBAIXADA

O especialista lembra que, como fizeram em suas Presidências Donald Trump e Jair Bolsonaro, o argentino também prometeu mudar a embaixada de seu país de Tel Aviv para Jerusalém, o que causa controvérsias internas.

— O problema é que quando tomamos partido em 1991 e enviamos barcos para ajudar os EUA na guerra contra o Iraque, a comunidade judaica sofreu dois atentados em Buenos Aires. Um alinhamento da Argentina e a ruptura com uma tradição de equilíbrio pode custar caro — alerta.

Mas Milei, na opinião de seu biógrafo, não faz esse tipo de cálculo político.

— Ele disse a vários conhecidos que iria a Israel porque foi o que Davi lhe disse num sonho. Para Milei, religião, esoterismo e política é tudo a mesma coisa. Ele sente que está numa missão messiânica.

Menina palestina de 6 anos é encontrada morta

Hind Rajab foi alvo de ataque junto a familiares na Cidade de Gaza há 12 dias; bombardeios mataram 31 pessoas ontem em Rafah

IMAGEM DE GAZA: LARSEN

Ontem, após duas semanas de buscas, o corpo da menina Hind Rajab, de seis anos, que ficou internacionalmente conhecida ao implorar para ser resgatada depois que o carro da sua família foi atacado e ela ficou sozinha — rodeada pelos corpos dos seus familiares mortos — foi encontrado na Cidade de Gaza, perto de um posto de gasolina no bairro de Tel al-Hava, por parentes que partiram em sua busca, após a saída dos tanques israelenses da região.

— Estou com tanto medo — disse ela em um telefonema a parentes. — Chame alguém para vir me buscar, por favor. A família e o Hamas culpam Israel pela morte de Hind.

O caso da menina é apenas um em um momento em que o temor de que a tragédia humanitária em Gaza se aprofunde como avanço militar no bre Rafah, no extremo sul. Também ontem, Israel bombardeou a cidade, matando ao menos 31 pessoas. O ataque aconteceu horas após o premiê Benjamin Netanyahu exigir do comando militar um plano para a retirada de civis.

Ao menos quatro bombardeios foram registrados na cidade. Vinte e oito dos mortos foram vitimados em três ataques aéreos durante a madrugada, segundo autoridades de Gaza e jornalistas da Associated Press que viram os corpos chegarem ao hospital. Durante a semana passada, o Gabinete de Benjamin Netanyahu

anunciou que Rafah se tornaria o foco das operações.

Em comunicados sequenciais, as autoridades israelenses justificaram que a cidade se tornou o último reduto do Hamas, estimando que quatro batalhões do grupo terrorista estão em operação no local. Rafah se tornou refúgio para milhares de cidadãos palestinos, que fugiram de suas cidades de origem à medida que o conflito se intensificou mais ao norte. A cidade, que antes da guerra abrigava 250 mil pessoas e era considerada empobrecida até mesmo para os padrões do enclave, é casa para mais de metade dos 2,3 milhões de habitantes do enclave.

O Hamas alertou ontem que uma ofensiva terrestre poderia deixar “dezenas de milhares de



Tragédia familiar: Hind Rajab pedu ajuda, mas não conseguiu sobreviver

mortos e feridos”. Em um comunicado, o grupo que governa Gaza desde 2007 advertiu para o risco de “uma catástrofe e um massacre que poderia levar a dezenas de milhares de mártires e feridos”. Também responsabilizaram “a administração dos Estados Unidos, a comunidade internacional e a ocupação israelense” por possíveis consequências.

NOVO TÚNEL

Paralelamente, as Forças Armadas de Israel afirmaram ter encontrado mais um túnel usado pelo grupo terrorista Hamas no subsolo da sede da Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados da Palestina no Próximo Oriente (UNWRA, na sigla em inglês), na Cidade de Gaza. A UNWRA é alvo de fortes críticas do governo israelense por sua atuação no enclave palestino, incluindo acusações de que empregaria terroristas do Hamas.